

The Art of Merging

WITH A CAREER SPANNING MORE THAN 30 YEARS, MIGUEL PALMA TRAVELS BETWEEN THE POSSIBLE AND THE IMPOSSIBLE, OVERCOMING GEOGRAPHICAL AND CONCEPTUAL BOUNDARIES

COM MAIS DE 30 ANOS DE CARREIRA, MIGUEL PALMA VIAJA ENTRE O MUNDO DO POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL DO MUNDO, ATRAVESSANDO BARREIRAS GEOGRÁFICAS, CONCEPTUAIS E DISCIPLINARES

TEXT ANA ABRANCHES

Even as a child he would often play alone, happy in his own company and dedicating most of his time exploring, understanding how things worked, creating, deconstructing. Growing up as the only boy in the family may explain Miguel Palma's isolation, but indirectly, it helped develop his creativity and a world brimming over with 'what ifs'. "I believe spending time alone is very important, to be able to question and imagine without constraints," he says. What started as a personal journey of discovery later became an artistic career.

Torn between architecture and the arts, he attended a Fine Arts course for just two years, having moved away from the degree after calling the academic programme "castrating". "Effectively, my journey has always been just outside the pre-defined paths. I was always in search of something I could call mine."

The unconditional support from his parents was imperative, down to the work space they gave him in which to work. "It was a struggle but they believed in me, for which I am extremely grateful. It was the result of a mixture of trust and naivety," he reflects.

Hard at work every day, Miguel threw himself into various experiences and equations of possibilities. "Even today, I like the feeling that I'm dealing with things I don't have complete control over," admits the artist, who was constantly in search of an artistic direction he could relate to. "I feel that in some way I've covered the History of Art through my work. What I was discovering was new to me, despite it not being new in the history of art." Aged 25 in the late 1980s, he found his way. Having searched for it for many years, he feels it was a late encounter. "I went down a secondary road to get there."

Working with the deconstruction of limits and preconceived ideas, as well as the extra-

polarisation of the limitations of art, Miguel got used to hearing that his work wasn't "art". Considering himself a constructor (or rather, a deconstructor), he was never interested in labels or categories, forging ahead with what really drives him: his "experiences". "For decades, I have challenged experts in different fields to together create a project – I'm looking for an international interdisciplinary collaboration." A good example of that is the project taking place at the Museum of the University of Phoenix in Arizona, where he works with the Arts and Aerospace departments and which resulted in the creation of a prototype vehicle for Mars. Another example is the Desert Initiative, which takes place from September in Albuquerque, New Mexico. Bringing together artists and scientists from around the world, the Desert Initiative will include a vehicle created by the artist, which explores the relationship between Man and the desert environment.

It's no coincidence that he lists these two projects that both have a direct link to the USA. "In the US, people are quicker to take part and give in to my unorthodox works, whilst in Europe, and the rest of the world in general where I've worked, I'm faced with more reservations," believes Miguel. But there are exceptions.

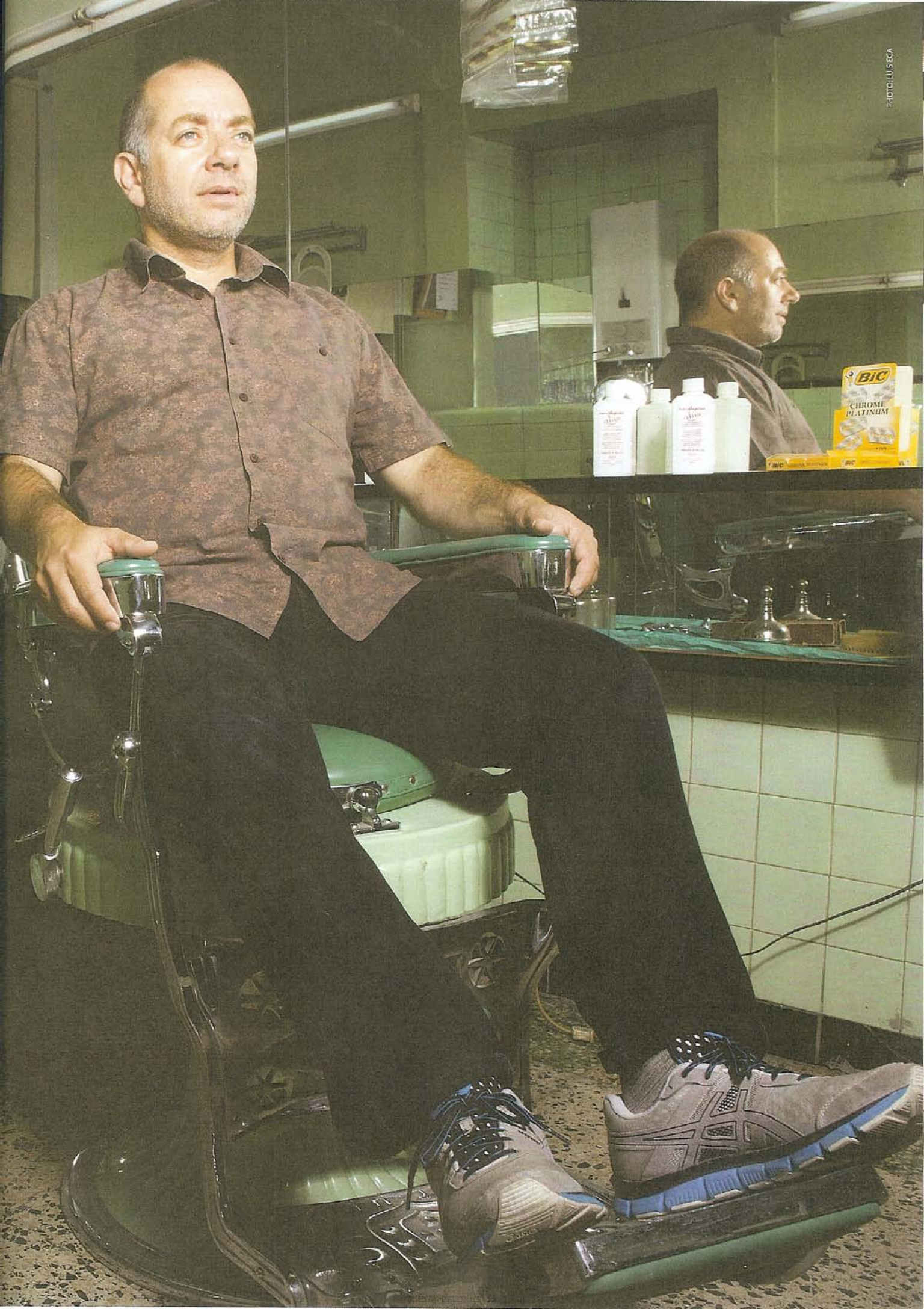
He recently exhibited at the EDP Foundation in Oporto, a space aimed at promoting contemporary art. The display, entitled "Ate ier Utopia", was commissioned by Bruno Leitão, "inspired by an exhibition we both saw years ago in New York, at the Drawing Centre, which consisted of a table full of drawings by a renowned architect, as if it were a jewellery display case," explains the visual artist. Sketched ideas that gained new life, they were part of a super-structure. "In Utopia, the Sensor has that function exactly; it's an installation that works like a ►►

Desde criança que brincava muito sozinho, exercitando um diálogo interior e dedicando a maior parte do tempo a explorar, a compreender o funcionamento dos objectos, a criar, a desconstruir. Crescer como o único rapaz da família terá eventualmente favorecido por um lado o seu isolamento e, indirectamente, o desenvolvimento da sua criatividade e de todo um mundo fervilhante de "e ses". "Considero muito importante o tempo a sós comigo, para poder questionar e imaginar sem constrangimentos". Começando por ser uma viagem de descoberta individual viria a transformar-se mais tarde numa carreira artística.

Dividido entre a arquitectura e as artes, viria a frequentar o curso superior de Belas Artes, mas apenas por dois anos, afastando-se da licenciatura devido ao que chamou de programa académico "castrador". "Efectivamente o meu percurso foi sempre um tanto à margem dos trilhos pré traçados, foi sempre à procura de um trabalho que pudesse chamar "meu".

O apoio incondicional dos pais foi determinante, envolvendo inclusivamente a cedência de um espaço físico para trabalhar. "Foi um esforço e uma aposta em mim, pelo qual estou muito agradecido, que resultou de um misto de confiança e ingenuidade de ambas as partes". Trabalhando afincadamente todos os dias, Miguel lançou-se em várias experiências e equações de possibilidades: "Ainda hoje gosto da sensação de que estou a lidar com coisas que não controlo na totalidade". Procurava incessantemente um rumo artístico com que se identificasse. "Sinto que de certa forma percorri a História da Arte através do meu trabalho. O que ia descobrindo era novo para mim, apesar de não o ser na história da arte". Com 25 anos, no final da década de 80, encontrou o seu rumo. Procurando-o há já vários anos, sente que foi um encontro tardio: "Segui por uma estrada secundária para lá chegar".

Trabalhando com a desconstrução de limites e ideias feitas, bem como com a extrapolação dos limites da arte, Miguel habituou-se a ouvir que o seu trabalho não era "arte". Pensando em si ►►





►► display case." Featuring models that have never been materialised but that are also finished works, combining the plans for ideas and their materialisation, the exhibition consists of an insight into his hypothetical thinking – an intrusion that doesn't bother the artist, who admits to being transparent.

Throughout this article, as well as in his work itself, there are many references to the world of cars, and it's not by chance. "I love cars. It's a passion I can't cure." But not everything is what it seems, says Miguel: "They are often used as vehicles to transmit a completely different message." They're not the only ones. For the P28 project, which this year travels to the Liverpool Biennial in the UK from September, the artist transforms a 40-foot container into an enormous air purifying machine. In the meantime, in Marseilles, France, in November, the artist will take the mountain to Mohammed. "At the top of Mount Sainte-Victoire, we're going to place a structure with a mirrored disc controlled at a distance, which will allow us to see the view from the top from down here, using a telescope."

With works owned by private clients and national and international institutions, Miguel Palma feels no nostalgia from being separated from his work. "What motivates me is to think of a concept and working until I see it materialised, when they gain a life of their own. But seeing someone fall in love with my work... that's the best feeling in the world." ■

►► mesmo talvez como um construtor (ou um desconstrutor), nunca se interessou por encaixar em rótulos e categorias, prosseguindo com o que verdadeiramente o motiva: as suas "experiências". "Há décadas que desafio especialistas de diferentes áreas para em conjunto elaborarmos projectos – procuro uma colaboração interdisciplinar internacional". Um bom exemplo disso é o projecto que decorre no Museu da Universidade de Phoenix, Arizona, onde colabora com o Departamento de Artes e o Departamento Aeroespacial, e do qual resultou a criação de um veículo protótipo para Marte.

Outro exemplo é o Desert Initiative, desenvolvido a propósito da Conferência Internacional sobre o Deserto, que ocorrerá em Setembro em Albuquerque, Novo México. Reunindo artistas e cientistas de todo o mundo, o Desert Initiative contará com um veículo da sua autoria, que explora a relação do ser humano com o ambiente desértico.

A citação de dois trabalhos em parceria estreita com os Estados Unidos da América não é coincidência. "Nos EUA mais facilmente participam e se entregam aos meus projectos não ortodoxos; enquanto que na Europa, e em geral no resto do mundo com que já trabalhei, deparo-me com mais reservas. Nos EUA há uma inércia vencida." Mas há excepções.

Recentemente expôs na Galeria Fundação do Porto EDP, espaço vocacionado para a divulgação da arte contemporânea. A mostra, intitulada "Atelier Utopia", resultou do convite de Bruno Leitão. "Foi inspirada numa exposição que ambos víamos anos antes em Nova Iorque, na Drawing Centre, que consistia numa mesa cheia de desenhos de um

arquitecto de renome, como se fosse um expositor de jóias". Ideias desenhadas que ganhavam nova forma fazendo parte de uma super-estrutura. "Na Utopia, o Sensor tem essa mesma função; é uma instalação que serve como um expositor." Reunindo maquetas nunca materializadas mas também obras acabadas, misturando os planos das ideias e da materialização das mesmas, a exposição consistiu num olhar para o interior do seu pensamento hipotético. Intromissão que não incomoda o artista, que admite ser transparente.

Efectivamente, as muitas alusões ao mundo automóvel presentes neste texto, bem como as numerosas patentes na sua obra não são mero acaso. "Adoro automóveis. É uma paixão da qual não me consigo curar." Mas nem sempre é o que parece. "Muitas vezes servem de veículos para transmitir uma mensagem completamente diferente." Não são os únicos. A propósito do projecto P28, que este ano se desloca até à Bienal de Liverpool a partir de Setembro, Reino Unido, o artista transforma um contentor de 40 pés numa enorme máquina purificadora do ar. Entretanto em Novembro, em Marseilles, França, o artista trará a montanha ao Maomé. "No topo do Monte Sainte-Victoire será colocada uma estrutura com um disco espelhado controlado à distância, que nos permitirá ver a vista de lá de cima, cá em baixo, mediante um telescópio."

Com obras suas distribuídas por particulares e instituições nacionais e internacionais, Miguel Palma não sente qualquer nostalgia de separação. "O que me motiva é pensar num conceito e trabalhar até vê-lo concretizado, altura em que ganham autonomia própria. Mas ver alguém apaixonado pelo meu trabalho... é a melhor sensação do mundo." ■

